PKS

PUBLIC
KNOWLEDGE
PROJECT

**REVISTA DE GEOGRAFIA
(RECIFE)**

<http://www.revista.ufpe.br/revistageografia>

OJS

OPEN
JOURNAL
SYSTEMS

OS NEXOS ENTRE O CIRCUITO INFERIOR DA ECONOMIA URBANA LAPENSE E O CIRCUITO ESPACIAL PRODUTIVO DO VESTUÁRIO

Sueli Almeida dos Santos¹

¹Doutoranda em geografia no Instituto de Geociências, Departamento de Geografia, Laboratório de Investigações Geográficas e Planejamento Territorial - GEOPLAN. Email: salmmeida@yahoo.com.br

Artigo recebido em 01/05/2016 e aceito em 09/09/2016

RESUMO

Este artigo busca contribuir para o entendimento do circuito inferior da economia urbana de Bom Jesus da Lapa - BA. Para tanto, analisou-se a participação do circuito inferior lapense em circuitos espaciais produtivos mais amplos. Como recorte empírico, investigou-se os nexos entre o circuito inferior do comércio de rua e o circuito espacial produtivo do vestuário. A metodologia pautou-se na aplicação de questionários no pequeno comércio localizado na área central da cidade, para investigar a origem das mercadorias comercializadas, as principais dificuldades enfrentadas em relação aos fornecedores e a frequência de reposição dos estoques.

Palavras-chave: circuito espacial de produção; circuito inferior lapense; comércio de rua.

THE LINKS BETWEEN THE LOWER CIRCUIT OF THE URBAN ECONOMY IN BOM JESUS DA LAPA AND SPATIAL PRODUCTIVE CIRCUIT OF CLOTHING

ABSTRACT

This abstract aims to contribute to the understanding of the urban economy of Bom Jesus da Lapa - BA. Therefore, we analyzed the people's participation from the lower circuit in the larger productive circuits. As an empirical study, we investigated the links between the lower circuit of street trading and the productive spatial circuits for clothing. The methodology was based on the application of questionnaires for small businesses in the central area of the city, in order to investigate the origin of the goods, the main difficulties with the suppliers and the frequency of restocking.

Keywords: spatial production circuits; Bom Jesus da Lapa lower circuit; Street commerce.

INTRODUÇÃO

O município de Bom Jesus da Lapa está localizado na região oeste do estado da Bahia, a sua sede dista 796 quilômetros da capital baiana. Com uma população total de 63.480 habitantes, dos quais 43.111 são urbanos, é um dos municípios mais populosos desta região e após a década de 1990 a cidade vem apresentando um importante crescimento urbano-populacional (IBGE, 2010).

Figura 1. Localização do município de Bom Jesus da Lapa-BA

A cidade de Bom Jesus da Lapa tem a sua gênese como centro de peregrinação religiosa há mais de três séculos (NOGUEIRA, 2011; STEIL, 1996), uma vez que, o início de seu povoamento remonta ao final do século XVII com a chegada, em 1691, do peregrino

Francisco de Mendonça Mar na “gruta da Lapa”, como ficou conhecida. Esse peregrino passou a morar no local, sendo encontrado por garimpeiros que “espalharam a notícia da existência de um homem santo que habitava uma gruta” (IBGE, 2012). O morro tornou-se, assim, um ponto de afluência de peregrinos e aventureiros, muitos dos quais ali se estabeleceram, contribuindo para a formação do povoado. No final do século XIX houve o processo de emancipação de Bom Jesus da Lapa juntamente com a criação de mais oito municípios na região oeste baiana (até esse período havia apenas dois municípios nessa região). No entanto, mesmo com tal reorganização, a ocupação dessa região permaneceu muito rarefeita até a década de 1970.

Em Bom Jesus da Lapa a partir da década de 1990 ocorreu algumas transformações no seu espaço urbano-regional devido às mudanças da base técnica e informacional como a construção da ponte sobre o rio São Francisco, a pavimentação de rodovias, a chegada de uma universidade pública, entre outros. Isso favoreceu a expansão de outras atividades econômicas com a implantação de novos serviços e de um comércio mais moderno, bem como o aumento do número de romeiros que visita o santuário. Segundo o representante do Santuário, estima-se que são aproximadamente dois milhões de visitantes por ano. Este dado torna as romarias lapenses a terceira maior do país, depois de Aparecida-SP e Juazeiro do Norte-CE, respectivamente.

Em Bom Jesus da Lapa em função do seu baixo grau de industrialização, são os serviços e o comércio que têm importância expressiva para a economia urbana. No caso do pequeno comércio, especialmente o comércio de rua está concentrado na área central da cidade e durante as grandes romarias este comércio ganha volumes expressivos não quantificados pelos órgãos oficiais. Nesse contexto, buscou-se analisar os reflexos da presença destas atividades na geração de fluxos de consumidores do circuito inferior lapense, especialmente do comércio de rua.

De acordo com Santos & Silveira (2001, p. 143) “para entender o funcionamento do território é preciso captar o movimento”. Por isso, é importante analisar os circuitos espaciais da produção. Estes compreendem a “circulação de bens e produtos e, por isso, oferecem uma visão dinâmica, apontando a maneira como os fluxos perpassam o território” (SANTOS & SILVEIRA, 2001, p. 143). Neste sentido, buscou-se investigar os nexos do circuito inferior do comércio de rua lapense com o circuito espacial produtivo do vestuário

O CIRCUITO INFERIOR DO COMÉRCIO DE RUA E O CIRCUITO ESPACIAL PRODUTIVO DO VESTUÁRIO

De acordo com Arroyo (2008, p. 30) “é importante enxergar a cidade sempre como uma totalidade, independentemente de seu tamanho ou localização”. E, segundo essa autora, uma das formas de nos aproximarmos do entendimento de como se articula essa totalidade pode ser por meio da análise dos circuitos espaciais de produção. Estes, segundo Santos (1994), abarcam a produção propriamente dita, circulação, distribuição e consumo. Este movimento das *massas*, isto é, etapas em que perpassam os produtos desde a produção até o consumo final, foram assinaladas por Marx (1977, p. 207), pois segundo este autor,

A produção cria os objetos que correspondem às necessidades; a distribuição reparte-se segundo leis sociais; a troca reparte de novo o que já tinha sido repartido, mas segundo as necessidades individuais; no consumo, enfim, o produto evade-se desse movimento social, torna-se diretamente objeto e servidor da necessidade individual, que satisfaz pela fruição.

No atual período histórico a articulação entre os subespaços¹ pautada numa lógica cada vez mais global altera a dinâmica dos fluxos tornando-os com distintas intensidades, direções e tipos. Com isso, muitas vezes, as etapas do circuito produtivo não se completam na escala da região. Atrelado a este movimento, está a crescente especialização produtiva dos lugares. Daí a necessidade em falar de circuitos espaciais de produção (SANTOS, 1994, p. 49). Segundo este autor, “cada firma usa o território segundo sua força. Criam-se, desse modo, circuitos produtivos e círculos de cooperação, como forma de regular o processo produtivo e assegurar a realização do capital” (SANTOS, 1994, p. 63). O primeiro está relacionado ao fluxo de matéria e os círculos de cooperação associam a essas *massas*, outros fluxos não materiais. Ainda de acordo com Santos (2009, p. 98),

As diferenças de rendas, o tamanho das cidades e as dificuldades de acessibilidade tornam possível que diversas formas de produção, de circulação, distribuição e consumo se dêem paralelamente, com a presença simultânea, em diversos ramos produtivos, de empresas hegemônicas e de toda uma gama, variável segundo as aglomerações, de empresas não hegemônicas.

¹ Para Santos (1996, p. 49), “o mundo encontra-se organizado em subespaços articulados dentro de uma lógica global”.

Neste sentido, conforme Arroyo (2008 *apud* SILVA, 2012 p. 8) o circuito inferior da economia urbana sempre “compõe o circuito espacial de produção, seja por estar interligado diretamente à comercialização (fornecendo ou comprando insumos), seja por formar ele mesmo um circuito produtivo completo”. Para Silva (2011, p. 116),

A leitura geográfica da divisão territorial do trabalho encontra importantes aportes na categoria circuito espacial de produção, pois esta permite identificar os agentes que animam a produção, a circulação, o comércio e o consumo. Dessa forma, identificam-se as materialidades e as ações que usam o território, entendido como híbrido de formas, normas, cultura e ações num movimento dinâmico e inacabado.

Hoje graças à revolução dos meios de transporte e de comunicação foi possível uma intensificação maior da divisão territorial do trabalho, na medida em que estes sistemas favorecem diversos tipos de fluxos materiais e de informação que perpassam o território. Devido essa possibilidade de articulação entre os lugares, as diversas etapas do processo produtivo, isto é, produção propriamente dita, circulação, distribuição e consumo podem ser elaboradas em localizações distintas (SANTOS, 1994). Este quadro atual do processo de produção permite, inclusive, uma participação crescente do circuito inferior da economia urbana em circuitos espaciais mais amplos. Para Montenegro (2011, p. 78),

Em um período anterior, as atividades do circuito inferior da economia urbana tendiam a estar limitadas a áreas mais restritas do território. Hoje, este quadro se altera, na medida em que o circuito inferior se integra também a circuitos globais de mercadorias; mesmo que tal integração envolva, em grande medida, apenas a etapa de distribuição junto ao consumidor final. É preciso lembrar, contudo, que o circuito inferior empreende igualmente as etapas de fabricação e circulação em muitos ramos.

Destarte, visando compreender como os diversos tipos de capital e de trabalho participam das etapas do processo de produção, buscou-se analisar a participação do circuito inferior do comércio de rua lapense no circuito espacial produtivo de vestuário. Para tanto, através da aplicação de questionários, investigou-se os principais locais de origem das mercadorias comercializadas pelo pequeno comércio de rua.

Isso revela a participação do circuito inferior em circuitos espaciais produtivos de longo alcance, que é um dado novo do atual período, já assinalado por outros autores como Montenegro (2011). Segundo esta autora, “mesmo a cooperação do pequeno, ou seja, do circuito, tende a se realizar hoje, em certos casos, através de circuitos espaciais mais amplos, por vezes internacionais, não se completando, assim, necessariamente na contiguidade” (MONTENEGRO, 2011, p. 84)

Santos (2009) aponta que a participação de diversos tipos de capital e de trabalho dentro de um ramo de produção ou em ramos distintos é o que configura os circuitos da economia urbana.

Se são várias as modalidades de consumo, distribuição e comercialização, o mesmo também se dá com a produção. A mesma cidade acolhe tipos múltiplos de capital, tecnologia, organização e trabalho no seu processo produtivo, não apenas entre ramos diferentes, mas dentro do mesmo ramo. A existência de uma diversidade de modelos de circulação, distribuição e consumo assegura a manutenção desse esquema. (SANTOS, 2009, p. 99-100).

Ao investigarmos a procedência dos produtos comercializados pelos agentes do setor de vestuário, verificamos que 83% destes agentes se abastecem com mercadorias adquiridas em Goiânia-GO (33%), em Santa Cruz do Capibaribe (25%) e Caruaru (14%) no estado do Pernambuco e na capital paulista (11%). Além destas, foram indicadas como local de aquisição das mercadorias, as cidades de Feira de Santana-BA (8%) e Nova Friburgo-RJ (3%). Dos agentes entrevistados, 6% não souberam indicar o local de procedência das mercadorias.

Figura 2. Principais procedências do vestuário comercializado no circuito inferior do comércio de rua lapense (%)

Tais cidades estão localizadas nos estados brasileiros que foram apontados por Silva (2012) como os dez maiores em número de estabelecimentos da atividade de confecções no ano de 2009, a saber: São Paulo, Santa Catarina, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Goiás, Ceará, Rio Grande do Sul, Pernambuco e Bahia. Além disso, todos os locais de procedência das mercadorias apontados pelos agentes entrevistados estão entre os 37 municípios do Brasil que concentram cerca de 50% dos ocupados na atividade de confecção e acessórios, isto é, são áreas de especialização produtiva no ramo do vestuário de destaque nacional (SILVA, 2012). Esta autora através da investigação do circuito espacial de produção do vestuário em São Paulo-SP, constatou-se que “é possível afirmar que o circuito inferior hoje não se reduz ao

interior do espaço urbano da cidade, pois ele apresenta nexos com todas as regiões do país” (SILVA, 2012, p. 254). Daí a denominação de *Circuito Inferior de Metrópole*, nas palavras da autora.

Enfatizamos que o circuito inferior da metrópole possui uma centralidade que chega a todo o território nacional. Por isso, aventamos a necessidade de substantivação da denominação circuito inferior para a existência de um *circuito inferior de metrópole*, isto é, um circuito inferior que só tem essa centralidade porque se associa à divisão territorial da metrópole, que por sua vez, insere-se na economia política da urbanização do território brasileiro. O circuito inferior da metrópole de São Paulo gera atividades de pequena dimensão na cidade de São Paulo e para além dela. Ainda que o circuito inferior tenha grande dependência territorial para a realização de suas etapas de produção, como afirmamos, no caso do “circuito inferior de metrópole” ele atrai fluxos. O ramo do vestuário, a etapa da costura atrai fluxos populacionais internacionais e na etapa do comércio, atrai fluxos populacionais de todo o território brasileiro. Além disso, a própria organização das etapas produtivas hoje no circuito inferior é distinta do passado, podendo não haver coincidência entre os locais de produção e comércio, bem como a distribuição modifica-se. (SILVA, 2012, p. 271)

No caso de Bom Jesus da Lapa, o circuito inferior do pequeno comércio de vestuário participa de circuitos espaciais de produção, cujo centro de distribuição está localizado em metrópoles como Goiânia e São Paulo, mas também em outras cidades não metropolitanas como Santa Cruz do Capibaribe e Caruaru em Pernambuco. Nestas duas últimas cidades, o comércio de vestuário atrai fluxos de comerciantes e consumidores de diversos locais, especialmente dos estados nordestinos.

Em relação ao destaque de Goiânia como principal local de procedência das mercadorias do setor de vestuário do comércio de rua lapense, a explicação deve levar em consideração que esta cidade constitui um dos pólos têxteis mais próximos da cidade lapense em termos de distância e também de acessibilidade, uma vez que, há linhas de ônibus que operam diariamente realizando o trajeto Bom Jesus da Lapa-Goiânia e vice-versa.

Já em relação ao acesso às cidades de Santa Cruz do Capibaribe e Caruaru (juntas fornecem mercadorias para 39% dos entrevistados) existem alguns proprietários de ônibus que realizam o transporte dos comerciantes e das mercadorias. Estas excursões partem de Bom Jesus da Lapa, uma ou duas vezes ao mês, sempre no dia de domingo e retornam na quarta-feira. Assim, os varejistas realizam as suas compras nas feiras que acontecem em Santa Cruz do Capibaribe e Caruaru durante os dias de segunda-feira e terça-feira. Estas duas

idades juntamente com Toritama formam o núcleo conhecido como *Polo de Confecções do Agreste* em função da concentração espacial da atividade do vestuário. Santa Cruz do Capibaribe possui 7.169 unidades produtivas, o que representa 38% do total destas unidades, seguida de Caruaru 24% e Toritama 15% (SEBRAE-PERNAMBUCO, 2013). Todas estas cidades possuem grandes centros de compras onde são realizadas as feiras, a exemplo do Parque Moda Center Santa Cruz (figura a seguir).

Figura 3. Parque Moda Center Santa Cruz localizado em Santa Cruz do Capibaribe-PE

Fonte: Parque Moda Center Santa Cruz, 2015.

O Parque Moda Center Santa Cruz, localizado em Santa Cruz do Capibaribe-PE, é um dos maiores centros atacadistas de confecções do Brasil. Este parque possui cerca de 10 mil pontos comerciais distribuídos entre boxes e lojas, onde são comercializadas peças no atacado e no varejo durante as feiras que ocorrem todas as semanas nos dias de segunda-feira e terça-feira. O parque possui seis praças de alimentação com restaurantes e lanchonetes, estacionamento gratuito para seis mil veículos e rede de hotéis e dormitórios. Este centro comercial também possui posto ambulatorial, farmácia, caixas eletrônicos, banheiros, carrinhos de compras, sistema de som, rádio e TV internos, circuito de segurança, balcão de informações, entre outros (PARQUE MODA CENTER SANTA CRUZ, 2015).

Segundo Souza (2012), antes da construção do Parque Moda Center Santa Cruz a “feira da sulanca”, funcionava no centro da cidade e era composta por sete mil barracas de madeira que ocupavam 20 ruas da cidade. Em 2006, com a inauguração do novo centro de confecções, os comerciantes foram transferidos para este local. Ainda de acordo com esta autora, no processo de transferência da feira para o Parque Moda Center, muitas pessoas foram excluídas por não conseguirem financiar ou alugar um “Box” dentro deste parque de confecções. Esses boxes foram adquiridos naquela época por um valor que variava de R\$ 500,00 a R\$ 3.200,00² (SILVA, 2009 *apud* SOUZA, 2012).

Muitas pessoas não conseguiram entrar no Moda Center e outras tantas simplesmente não quiseram a partir de uma avaliação de que o custo do novo lugar não compensaria em termos de lucro. A saída para esse impasse foi dada pelos próprios pequenos produtores que organizaram atrás do novo parque de confecções uma enorme feira da sulanca, como reedição daquela que foi extinta e que passa a ser chamada de “calçadão” ou “poeirão”. O calçadão foi uma estratégia para manter as condições de baixo custo da feira, lá as pessoas pagam o “chão” para a prefeitura no valor de R\$ 4,00 mais os “bancos” para os donos dos “bancos” por R\$ 5,00 (SOUZA, 2012, n.p).

Souza (2012) também aponta que a feira neste calçadão atrai os sacoleiros por oferecer menores preços e pela relação de confiança e fidelização da clientela. Estes sacoleiros ou pequenos comerciantes revendem as mercadorias adquiridas neste local em suas cidades de origem.

No comércio de rua lapense, constatou-se que a maioria dos pequenos comerciantes do setor de vestuário realiza suas compras *in loco*, isto é, 77% destes estabelecimentos se abastecem diretamente na cidade de procedência da mercadoria e 23% através de intermediário.

Os dois circuitos da economia da economia também se diferenciam pela quantidade de mercadorias estocadas pelos estabelecimentos típicos de cada um destes circuitos econômicos. Pois, conforme Santos (2008), os estoques das pequenas atividades são reduzidos, já o circuito superior manipula grandes volumes, exceto no caso de produtos de alta qualidade e/ou de luxo. No caso dos agentes do pequeno comércio de rua lapense, destaca-se que 46% repõem os seus estoques conforme a necessidade.

² Em 2006, o valor do salário mínimo era de R\$ 350,00.

Figura 4. Frequência de reposição dos estoques nos estabelecimentos entrevistados (%)

Fonte: Trabalho de campo realizado em janeiro de 2014.

Alguns dos agentes entrevistados revelaram que realizam um maior estoque no período que antecede as grandes romarias, pois 82% dos entrevistados consideram este período, isto é, de julho a outubro como os meses de maiores vendas. Isso mostra as estratégias vindas dos mais pobres em situações de escassez e de incertezas. Assim, “[...] as táticas do consumo, engenhosidades do fraco para tirar partido do forte, vão desembocar então em uma politização das práticas cotidianas” (CERTEAU, 2008, p. 45). Para Ribeiro (2005, p. 96), “é na agência cotidiana que o homem lento, conduzido pela cultura ordinária, aparece como portador de futuros e também como inventor de soluções”.

Figura 5. Comércio de vestuário durante o período das grandes romarias

Fonte: Trabalho de campo realizado durante a romaria de 2014.

Hoje, através de diversas estratégias cotidianas, o circuito inferior da economia urbana, dado o seu peso crescente na geração de trabalho e renda para a população pobre, vem apresentando uma importante expansão nas cidades de diferentes portes, inclusive, em função da sua participação cada vez maior nas etapas dos circuitos espaciais produtivos de distintos ramos, sobretudo na comercialização dos produtos. Ressaltamos que, segundo Silva (2012), atualmente o circuito inferior da economia urbana apresenta etapas do processo produtivo que não estava prevista na proposta teórica original de Santos (2008).

Na proposta original a produção e a comercialização eram realizadas no mesmo local, inexistindo também a etapa da distribuição, daí uma das distinções entre circuito espacial produtivo e os dois circuitos da economia urbana. Contudo hoje, o local de comercialização dos produtos não é, necessariamente, o local de sua produção. A distribuição pode ser realizada por meios de transporte motorizados como pequenas vans, ônibus e metrô, carros particulares adaptados (ou improvisados) ao transporte de cargas ou realizada por “carrioleiros”. (SILVA, 2012, p. 254)

Assim, com a investigação dos nexos do circuito inferior do pequeno comércio de rua lapense com o circuito espacial produtivo do vestuário nos permite analisar a participação de diversos tipos de capital, tecnologia e organização nas etapas do processo de produção, graças às possibilidades do atual período, ainda que estas sejam distintas social e geograficamente. Devido estas possibilidades técnicas e de informações como o transporte, as tecnologias de comunicação (a exemplo do celular), entre outros, a população de baixa renda, através do circuito inferior, participa cada vez mais das etapas do processo produtivo de diversos ramos.

Por outro lado, investigar este rearranjo do sistema produtivo é uma das formas de compreender como se efetivam atualmente os vasos comunicantes entre os circuitos da economia urbana (HOLANDA, 2007). Estas relações entre os circuitos econômicos são cada vez mais complexas em função da intensificação da divisão territorial do trabalho. Além disso, a análise dos locais de procedências das mercadorias comercializadas pelos agentes do circuito inferior da economia urbana contribui também para o entendimento da dinâmica atual da rede urbana brasileira na medida em que, conforme visto, este circuito, embora fortemente dependente das relações territoriais, já ultrapassa os limites de algumas cidades como Santa Cruz do Capibaribe e Caruaru, mas, sobretudo na metrópole paulista atraindo fluxos de diversos lugares do país. Em Bom Jesus da Lapa, o circuito inferior não é capaz de atrair fluxos de consumidores e, assim, depende fortemente dos fluxos gerados pelas romarias e atividades mais modernas presentes na cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho dos mais pobres se realiza em grande parte no circuito inferior economia urbana, devido ao fracionamento das tarefas que é inerente a este circuito (SANTOS, 2008). No entanto, um dado novo do atual período, é que estes agentes participam cada vez mais das etapas de circuitos espaciais produtivos mais amplos, graças a sua capacidade de invenção e de criatividade a partir de um uso, ainda que desigual, das possibilidades técnicas e informacionais do período contemporâneo.

No caso lapense, através da investigação do circuito espacial produtivo do vestuário, constatou-se que os agentes do circuito inferior do comércio de rua se abastecem tanto no *circuito inferior de metrópole* (São Paulo) como em circuito inferior de centros urbanos não metropolitanos como Santa Cruz do Capibaribe e Caruaru. Assim, concluímos que o circuito inferior lapense participa de circuitos espaciais produtivos nacionais que, em diversas etapas do seu processo produtivo, contam com a presença de formas de organização tipicamente do circuito inferior da economia urbana: pequenas fábricas de vestuário, sistema de transporte das mercadorias e dos comerciantes, centro de distribuição de mercadorias no atacado e varejo, entre outros.

Por outro lado, no atual período a maior participação do circuito inferior da economia urbana em circuitos espaciais produtivos mais amplos ocorre graças à expansão do consumo entre as classes pobres no âmbito nacional. Para Torres *et. al.* (2006 *apud* MONTENEGRO, 2011) as políticas federais de transferência de renda através do Programa Bolsa Família é um dos fatores do aumento recente do consumo entre os estratos inferiores de renda no Brasil. No entanto, este consumo maior entre as camadas de baixa renda não deve ser confundido com uma redução da pobreza. Conforme afirma Santos (2009, p. 18), “um indivíduo não é mais pobre ou menos pobre porque consome um pouco menos ou um pouco mais”. Ainda segundo este autor, pobreza e circuito inferior são sinônimos. Daí a importância em investigar o circuito inferior da economia urbana em diversas regiões do país, bem como a sua participação em circuitos espaciais produtivos de distintos ramos, buscando revelar as suas singularidades a partir dos lugares.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de mestrado concedida para a realização desta pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, M. A economia invisível dos pequenos. In: **Le Monde Diplomatique**. Brasil, ano 2, no. 15, outubro de 2008.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. 15ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

HOLANDA, V. C. C. **Modernizações e Espaços Seletivos no Nordeste Brasileiro**. Sobral: Conexão Lugar/Mundo. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Censos Demográficos**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>.

MARX, K. Crítica da economia política. In: Marx, K. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

MONTENEGRO, M. **Globalização, trabalho e pobreza no Brasil metropolitano**. O circuito inferior da economia urbana em São Paulo, Brasília, Fortaleza e Belém. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

NOGUEIRA, G. A. **“Viver por si”, viver pelos seus**: famílias e comunidades de escravos e forros no “certam de sima do Sam Francisco” (1730-1790). Dissertação (Mestrado em História), Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus, 2011.

PARQUE MODA CENTER SANTA CRUZ. Disponível em: <<http://www.modacentersantacruz.com.br/o-parque.php>>. Acesso em: 21/07/2015.

RIBEIRO, A. C. T. Território usado e humanismo concreto: o mercado socialmente necessário. In: SILVA, Cátia Antonia da et al. **Formas em Crise: utopias necessárias**. Rio de Janeiro: Arquimedes Edições, 2005.

SANTOS, M. **Pobreza Urbana**. 3ª Ed. São Paulo: Edusp, 2009.

_____. **O Espaço dividido**: Os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro: Edusp, 2008.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. Ed. Hucitec, São Paulo, 1996.

_____. **Técnica, Espaço, Tempo – Globalização e meio técnico-científico-informacional.** São Paulo: Edusp, 1994.

_____; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: Território e Sociedade no início do século XXI.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

SEBRAE. **Estudo econômico do Arranjo Produtivo Local de Confeções do Agreste Pernambucano.** Relatório final Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Estado de Pernambuco. Recife, 2013.

SILVA, S. C. Mapeando os agentes do circuito inferior de produção na metrópole de São Paulo: elementos para o debate do território usado. In: SILVA, C. A. (org.) **Território e ação social: sentidos da apropriação urbana.** Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.

_____. **Circuito espacial produtivo das confeções e exploração do trabalho na Metrópole de São Paulo.** Os dois circuitos da economia urbana nos bairros do Brás e Bom Retiro (SP). Tese (Doutorado em geografia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

SOUZA, A. M. “Aqui é o lugar do progresso”: produzindo roupas e significados na disputa pela modernidade das confeções do Agreste. **Revista Espaço de Diálogo e Desconexão.** Araraquara, v.5, n. 1, Não Paginado. jul/dez. 2012.

STEIL, C. A. **O Sertão das romarias: Um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa - Bahia.** Petrópolis: Vozes, 1996.